

# DEPOIMENTO

## PEDAÇOS DE HISTÓRIA: FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA FEMININA

*Este depoimento foi extraído de uma entrevista realizada em 1985 com uma socióloga, militante do movimento de mulheres em Minas Gerais, por Silvana Maria Leal Cóser, para a elaboração de sua dissertação de Mestrado. Ela foi editada perseguindo um fio: a experiência política no feminino. Assim, alguns trechos foram reunidos e, freqüentemente, "enxugados", objetivando atender à apresentação na Revista. As questões não foram enunciadas, mas os fragmentos "costurados", buscando compor um mosaico representativo da fala dessa mulher. No trabalho de edição, é inegável a presença do editor. Assumo, portanto, que a configuração final é uma co-produção minha e da entrevistada, sendo que eu escolhi o recorte.*

*Nessa fala, alguns elementos merecem ser destacados. A tradução, por essa mulher, de alguma coisa que lhe falta faz com que ela lance mão de um significante masculino. Para traduzir a experiência de liberdade, ela toma emprestada a idéia de ter-se sentido homem; sinônimo, aí, da liberdade possível. Segundo a sua própria expressão, "aquele que pode priorizar alguma coisa além..."*

*A palavra aparece como algo de difícil acesso à mulher, e a sua conquista exige a superação do medo e da sensação de incapacidade. Os obstáculos a serem vencidos são muitos e difíceis; os de ordem interna parecem sê-lo ainda mais. A busca da condição de sujeito é um processo doloroso, e o depoimento dessa mulher, com suas ambivalências e ambigüidades, pode ser lido como um espelho das contradições femininas. A manutenção dessa aparente incoerência, além da fidelidade ao discurso da entrevistada, busca provocar uma reflexão sobre a existência no feminino. Se os leitores e leitoras se sentirem provocados, instigados a entrarem na conversa, o artigo terá cumprido seu objetivo e, certamente, o diálogo será profícuo.*

SILVANA MARIA LEAL CÓSER  
Socióloga  
Mestre em Educação/UFMG

"Comecei a trabalhar em política em 1962, quando cursava o Clássico no Colégio Estadual. Entrei para a Juventude Estudantil Católica (JEC) e fui, de cara, trabalhando com mulher. Nessa época, isso não me chocava muito. Depois é que eu comecei a refletir, mas, de qualquer maneira, me balançava o coreto pensar o seguinte – tinha a JEC e a JEC F – feminina. E era assim: havia as reuniões dos homens e as reuniões das mulheres, apesar de a gente trabalhar juntos em uma porção de coisas. Mas a JEC mesmo, era a masculina. Não se podia falar em JEC M, era a JEC; a outra é que era JEC F. A diferença existente era a mesma que permeava a sociedade inteira. E a mulher estava ligada a uma prática mais religiosa. Apesar de muito politizada, a JEC F era mais religiosa.

Essa foi a oportunidade que me surgiu e, como eu era muito antenada em política e a JEC era um negócio muito politizador... Logo depois, com menos de um ano, eu já estava na regional, e era da coordenação. Com isso, eu comecei a entrar em contato com mulheres de curso secundário de todo o Estado. Viajava demais, e foi então o começo da minha libertação pessoal também. Porque eu fui criada numa família em que tudo era muito resguardado. Mulher era pra casar, ter filho. Não precisava nem estudar muito não.

Depois da JEC, só fui retornar à questão da mulher em 1975, quando aconteceu o Ano Internacional da Mulher, e começou aquele ouriço todo. Em 1976, começamos a discutir a fundação do Movimento Feminino pela Anistia, aqui em Belo Horizonte. Acho que foi aí que eu entrei mesmo na luta da mulher.

Eu penso que o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) foi um movimento muito importante, em termos de movimento de mulher. Nessa época, já havia as feministas e um movimento feminino. Nós especificávamos que éramos um movimento feminino. Eu não me dizia feminista, eu tinha até medo de falar que o era. Agora, eu sou feminista mesmo. Antes eu falava "eu sou feminista, mas..., agora não, eu sou feminista mesmo."

Quando começamos a pensar na criação do MFPA, discutíamos o porquê de ser um movimento de mulheres. Nós achávamos que a mulher tinha uma força muito grande e não

tinha chance de participar da política. As mulheres eram uma massa muito manipulável. Então, pensávamos que era importante para a mulher se engajar em um movimento político, e a anistia era o primeiro movimento político, às claras, após o golpe de 1964. Muita gente questionava o porquê de o movimento pela anistia ser feminino, e eu fui uma defensora dessa idéia, por várias razões. Era uma época difícil, de grande repressão. E, sendo um movimento amplo de mulheres, não apenas de universitárias, teria um respaldo popular e um resguardo do ponto de vista da repressão. Era meio estratégico, inclusive.

Nessa época, o que passávamos era a idéia de uma luta que tinha um apelo inclusive emocional: o País, os filhos, o que estava havendo, a família..

O MFPA significou, também, um marco na vida de muitas mulheres. Eu ficava muito preocupada, porque sentia uma coisa muito antiga, que vinha da minha militância na JEC, e que era: "sentou mulher junto com homem, a mulher calava a boca. Podia ser a mais letrada, a mais inteligente e, ainda assim, calava. Raras as exceções".

Eu percebo que existe uma dificuldade de a mulher falar. A vida dela é tão calada, tão silenciosa, que, de repente, participar de uma reunião que fosse só de mulheres significava abrir a boca, perder o medo. Podia não ser no primeiro dia, mas era no segundo... Ela ia vendo que todo mundo tinha direito a falar, bobagem, besteira e coisa séria. Mas, se reuníssemos homens com mulheres, não sairia nada. Precisávamos criar um espaço para a mulher falar o que quisesse.

Depois, fui trabalhar com mulheres num bairro de periferia. Não era movimento feminista, era movimento de mulher. Porém, assim que o trabalho começou e a discussão caminhou, logo a preocupação já não era com a mulher. O bairro tinha muitos problemas. Quando elas criaram a associação, apesar de a grande força organizativa ser da mulher, colocaram um homem na presidência. Eu ainda comentei: "Que coisa, né? fazem tudo e depois têm que colocar um homem. E fazem

com coragem... Quer dizer, tinham todas as condições... Que medo é esse?

Nesse momento, eu já militava no PMDB e o problema da mulher era sempre o mesmo: (muito) pouco espaço. O problema não era de um partido ou de um sindicato. Era mais fundo, e só mudaria quando a organização da mulher avançasse; ou, então, nós iríamos chorar o resto da vida, por não podermos ser candidatas, por não ganharmos eleições, por não termos poder.

Quando eu me candidatei, a minha plataforma foi uma coisa bem de mulher, fruto da minha experiência ao longo desse tempo todo. Foi uma vivência riquíssima, das mais fantásticas que aconteceram na minha vida. Outro dia, eu estava brincando e disse: agora eu estou me sentindo um homem. Porque, por mais feminista que você seja, nós que somos casadas e temos filhos, existem umas coisas que passam aí no meio que a gente não dá conta de resolver. A quantidade de coisas que nos prende é um negócio danado.

Por mais que eu tenha lido, vivido e lutado, porque eu estou lutando, resta uma porção de coisas aqui dentro. E eu fico olhando as pessoas com quem milito - as mulheres - e estão todas assim. Por isso é que eu falo: é uma luta longa, que vai quebrar uma porção de coisas de fora - dificuldade de acesso a isso, a aquilo, ao poder -, e, ao mesmo tempo, as coisas de dentro, que são muito dolorosas. E eu sou uma mãe muito mãe. Isso significa o seguinte: eu crio filho mesmo, eu preciso, eu quero estar perto. Então, durante a campanha, eu disse que, pela primeira vez, me senti homem. Foram três meses nos quais eu saía cedo e voltava alta madrugada. Nem pensava nem me preocupava com outra coisa. Pela primeira vez eu priorizei alguma coisa além do... Eu achei fantástico: saía pela manhã, voltava à noite, não tinha nenhuma satisfação a dar. O meu companheiro assumiu, os meninos (filhos) também. Eu realmente não tomei conhecimento. Tive experiência do que é ser livre, do que é ser mulher livre. E não tive a mínima culpa porque sou muito presente para os meus filhos."

